

al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#27 (tomo 2) Jul. 2024

ARQUEOLOGIA DO 25 DE ABRIL

a cultura material
da Revolução

**O Castro do Banho
na *Civitas* de *Vissaium***

**O Eldorado na Arqueologia
Subaquática Portuguesa**

**Memórias Epigráficas em
Santa Clara de Coimbra**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição centrada em ilustração de um cravo vermelho, um dos símbolos do movimento popular que garantiu o êxito do golpe militar de 25 de Abril de 1974. Nessa data, o forte apoio da sociedade civil legitimou o sucesso das operações militares que instauraram o regime democrático em Portugal.

Ilustração | © Nuno Pequito, com acesso livre em <https://bit.ly/4eLQqtx>.



2.ª Série, N.º 27, Tomo 2, Julho 2024

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição |

<http://issuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Associação dos Arqueólogos Portugueses / Câmara Municipal de Almada / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

No ano em que celebramos os 50 anos do 25 de Abril de 1974, é da mais elementar justiça destacar nesta edição da *Al-Madan Online* um trabalho que toma essa data fundadora da Democracia portuguesa como objecto de estudo arqueológico. De facto, cinco décadas passadas proporcionam o distanciamento natural em quem, como sucede com os autores, já nasceu após esse evento radicalmente transformador, olhando-o através de elementos da cultura material fixada nas reportagens fotográficas da época. São verdadeiros símbolos da improvável simbiose entre um golpe militar e o fortíssimo movimento social que este espoletou: os cravos colocados nas armas dos soldados, os chaimites que participaram nas operações militares, as faixas com múltiplas mensagens usadas nas manifestações, os megafones que ampliaram a capacidade comunicação e de mobilização nesses eventos de rua... Numa época em que as câmaras fotográficas eram raras, mas felizmente estavam em mãos que as souberam usar sabiamente, foram gravadas imagens que retratam o ambiente então vivido no principal teatro de operações, a cidade de Lisboa. E espelham o que os autores muito bem intuem ao observá-las a esta distância temporal: a total adesão à mudança e a alegria contagiante de quem então também fez História nas ruas da capital. Portugal e os(as) portugueses(as) mudaram muito desde então. Consolidaram-se direitos e liberdades individuais e de grupo que diversificaram e enriqueceram a vida social, económica, cultural, científica... finalmente liberta do controlo opressivo e repressivo do que se pensava, exprimia e fazia. Olhando para trás, o nosso país é hoje o exemplo claro de que *“o passado é um país estrangeiro”*, frase do contista britânico Leslie Hartley (1953), popularizada na literatura das Ciências Sociais através do americano David Lowenthal (*The Past is a Foreign Country*, 1985). O Portugal das décadas anteriores ao 25 de Abril de 1974 que as câmaras fotográficas registaram (e também as memórias de quem ainda as viveu) é tão diferente que sugere claramente um país estrangeiro. Alguns acreditam mesmo que essa sensação é real, negam a cruel brutalidade das imagens (e das memórias) e promovem o saudosismo de um tempo que não viveram. É um erro que justifica o empenho da *“Arqueologia contemporânea e activista”* em que os autores do artigo que publicamos se auto-incluem, mas também estimula o activismo de quem não deseja uma reciclagem desse passado para as gerações presentes e vindouras. Este tomo da *Al-Madan Online* vai, contudo, muito para lá do activismo. Crónicas, textos de opinião e artigos cobrem temáticas e interesses muito diversificados, da Arqueologia à Conservação, ao Património cultural e à História local, passando ainda pela divulgação metodológica e por estudos de natureza documental e epigráfica. Como sempre, espero que proporcionem boas horas de leitura.

Jorge Raposo, 20 de Julho de 2024

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica |
Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo |

Luís Borges, Renata Camargo,
Tânia Casimiro, Maria João B. Coelho,
Francisco Curate, José d'Encarnação,
Maria Teresa Ferreira, José António
Gonçalves, Vítor Oliveira Jorge,
Catarina Cunha Leal, Afonso Leão,
Ruben Maranhão, Joana Margarida
Ribeiro Marques, Marluci Menezes,
José Luís Neto, Susana Pacheco,
Pedro Parreira, Mariana Pedro,
Franklin Pereira, Rui Ribolhos,

Pedro M. da Luz Sales,
Susana Santa-Marta, Joel Santos,
Maria do Céu Santos, João Sequeira
e Francisco Silva

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Nótula

Sobre o Topónimo

Carcavelos

RESUMO

Nótula sobre a origem do topónimo Carcavelos, tendo por base a análise crítica da obra *Toponímia do Concelho de Cascais*, da autoria de J. Diogo Correia, publicada em 1964. Nela se expõe a tese de uma etimologia assente na epígrafe de uma alegada inscrição romana, onde se leria o antropónimo *Carcavellus*. O autor desmonta essa tese fantasiosa, que parece confundir ou misturar duas epígrafes diferentes, em reserva no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu de Guimarães, e aponta outras hipóteses.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia; Epigrafia; História Local.

ABSTRACT

Notes on the origin of the toponym Carcavelos, based on the critical analysis of the work *Toponímia do Concelho de Cascais* (Toponymy of the Municipality of Cascais), by J. Diogo Correia, published in 1964. In his work, Diogo Correia claims that the word originates in the epigraph of an alleged Roman inscription where it was supposedly possible to read the anthroponym *Carcavellus*. The author unravels this fictional thesis, which seems to confuse or mix two different epigraphs held in the National Archaeological Museum and in the Museum of Guimarães, and proposes other hypotheses.

KEY WORDS: Toponymy; Epigraphy; Local history.

RÉSUMÉ

Note sur l'origine toponymique de Carcavelos, à partir de l'analyse critique de l'œuvre *Toponímia do Concelho de Cascais* (Toponymie de la Municipalité de Cascais), rédigée par J. Diogo Correia, publiée en 1964. On y expose la thèse d'une étymologie reposant sur l'épigraphie d'une soi-disant inscription romaine, où l'on pourrait lire l'anthroponyme *Carcavellus*. L'auteur considère cette thèse fantaisiste, qui semble confondre ou mélanger deux épigraphes distinctes en réserve au Musée National d'Archéologie et au Musée de Guimarães et signale d'autres hypothèses.

MOTS CLÉS: Toponymie; Épigraphie; Histoire Locale.

José d'Encarnação ¹

Foi o Prof. J. Diogo Correia um mui interessado pesquisador da toponímia cascalense. Escreveu inúmeros artigos sobre o assunto para o jornal *A Nossa Terra*, que viriam a ser coligidos, dado o seu elevado interesse, no livro *Toponímia do Concelho de Cascais*, em boa hora integrado na série de publicações que assinalaram, em 1964, o VI centenário da elevação de Cascais a vila (CORREIA, 1964). Aí trata, nas páginas 26 e 27, da etimologia da palavra *Carcavelos*. O facto de se referir a uma inscrição romana suscitou-me a curiosidade e essa é a razão por que usei propor redigir umas linhas sobre o tema, não porque supusesse, à partida, ter encontrado para ele uma solução, mas para reatar a discussão, na presunção de que ora se poderia chegar a uma conclusão satisfatória.

DIOGO CORREIA

Começamos, pois, por sintetizar o que escreve Diogo Correia.

Concorda com Pinho LEAL (1874): o étimo da palavra é 'cárcava' ou 'cárcova', que significa 'porta falsa', 'caminho encoberto'.

É essa, de facto, a opinião do autor de *Portugal Antigo e Moderno*, no verbete 'Carcavelos' (LEAL, 1874: 105-106): «*Carcavellos é diminutivo de cárcova ou carcova, quer dizer pequeno fosso, etc.*». E acrescenta: «*Há em Portugal mais doze aldeias deste nome; mas nenhuma notável*».

Procura demonstrar Diogo Correia quão ajustada é a designação, para ele de «*fácil explicação*», uma vez que «*Na praia chamada de Sainhas erguia-se o antigo forte da Junqueira [...]. A costa, ali, era defendida por rochedos inacessíveis e pelo referido forte, erecto na areia, em volta do qual se teriam cavado, como era mister, várias carcavas, ou carcovas*».

Escrevera Pinho Leal: «*Têm um forte na praia, onde esta é de areia, pois que o mais são rochedos inacessíveis, que por si se defendem*». Não adiantara, porém, qualquer relação entre o topónimo e esses acidentes orográficos.

Anotara, todavia, um pormenor de interesse: «*Há aqui muitas e vastas pedreiras de mármore branco (carbonato de cal), óptimo para edificios, pelo que há nesta freguesia muitos canteiros*».

Ora, foi justamente essa referência que suscitou a Diogo Correia outra hipótese de interpretação: «*É crível que, por extensão, se desse, outrora, o nome de carcavelos a quaisquer depressões resultantes da extracção de minérios ou pedras de construção. Tais depressões não faltavam no sítio*».

¹ Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

A terceira hipótese etimológica apontada colhe razão de ser no facto de haver referência – no artigo «Resende» da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* – a uma inscrição romana de Cárquere em que se lia «*Flava Carcavellus F(ilia)...*», sendo *Carcavellus* um «*possessor romano (ou romanizado)*».

Comentem-se, pois, estas três propostas de explicação.

Apóia-se a primeira na existência de estruturas de defesa, ainda que, anote-se, o forte do Junqueiro seja do século XVII e o nome Carcavelos já surja em documentação anterior. Por outro lado, mesmo partindo da hipótese de que a costa poderá ter mudado ao longo dos séculos, se compararmos a de Carcavelos com outras – por exemplo, com a que vai da Boca do Inferno ao Forte de Oitavos –, não parece haver motivo para se falar em inacessibilidade, sobretudo elevando-a à categoria de identificar um sítio.

Quanto às pedreiras – que as houve ali, assim como por muitos outros locais do concelho de Cascais, mormente na sua metade ocidental –, não consta a ocorrência dessa palavra para caracterizar os ‘buracos’ abertos na superfície dos terrenos para se porem os bancos de pedra a descoberto. O vocábulo nesse âmbito é, apenas, «cova», que designa a parte mais funda duma pedreira.

A terceira hipótese lançada por Diogo Correia, ou seja, a filiação do topónimo no nome de um dos proprietários mais importantes do sítio – um tal romano *Carcavellus*, de seu nome, atestado na inscrição de Cárquere – colhe argumentação favorável, desde os tempos romanos até à actualidade: a designação À-da-Gorda, para exemplificar, prende-se, naturalmente, com a circunstância de ser gorda a personagem mais conhecida do lugar.

A INSCRIÇÃO DE CÁRQUERE

Repito que, epigrafista militante como sou, o motivo maior para me haver abalançado a esta reflexão se prendeu com essa indicação de que, numa inscrição romana de Cárquere, freguesia do concelho de Resende, se lia «*Flava Carcavellus F(ilia)*».

Sucedida que essa versão duma epígrafe não era do meu conhecimento, e bem estudada tem sido a epigrafia de Cárquere, dadas as suas singulares características¹. *Flava* é nome latino bem conhecido, assaz frequente no mundo hispânico; desse lado, portanto, não haveria objecções; mas *Carcavellus*, pelo menos com esta grafia ou semelhante, não me aparecera documentado.

Importava, por conseguinte, esmiuçar o que Diogo Correia lera na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, no verbete «Resende», vol. XXV, pp. 222-231². E o que aí se diz, na pág. 223, é o seguinte: «*Para documentação da vida religiosa local, devia ser de grande valor a lápide a*

que alguns autores se referem, aparecida em Cárquere e levada para Beba, a alguma distância, consagrada, segundo eles, a Diana; diz, porém, o mesmo sábio que ela “nada tem com essa deusa”, por ter sido mal interpretada, “pois se tomou DIMA”, isto é Diis Manibus (segundo o mesmo) por Diana. Todavia, a sua importância, quanto a nós, não é menor noutro ponto de vista: a perduração do topónimo Carcavelos, ainda existente, que, sem dúvida, se deve ao progenitor do indivíduo a que se refere essa lápide: “... FLAVA CARCAVELLUS F(ILIA)...”. Carcavelos era ainda no século XIII categorizada de “villa” rústica, pertença então do mosteiro de Cárquere, como se vê das inquirições; e ainda subsiste uma ponte, de primeira fundação remota, dita de Carcavelos. Esta lição toponímica demonstra-nos que a população nunca desapareceu destes lugares desde a época romana».

O sábio referido é José Leite de VASCONCELOS, de que se havia transcrito, antes desta passagem, as considerações gerais que tecera no artigo de 1899-1900 (p. 212) acerca da antroponímia romana de Resende. Contudo, a correcção da leitura desta epígrafe está no vol. III das *Religiões da Lusitânia* (1913: 237-238, nota 2). Depois de observar que essa informação da *Grande Enciclopédia* se baseara no que Pinho LEAL (1878: 159) dera a conhecer e que a epígrafe nada tinha a ver com Diana, Leite de Vasconcelos afirma: «*Falsa não é de todo, mas foi mal interpretada, pois se tomou DIMA (= Diis Manibus) por Diana*». Dá, depois, uma informação circunstanciada: «*A inscrição esteve numa parede da casa de Beba, em Resende, onde a examinei em Setembro de 1897, de baixo de ardente sol. Hoje está no Museu Ethnológico, em virtude dos esforços que o ilustre advogado Dr. Amadeu Pinto da Silva para isso empregou a meu pedido, conseguindo-a do dono, o falecido Pe. António Pinto da Fonseca, Abade de Villa-Cova-à-Coelheira, o qual, além dessa, me cedeu mais outras*».

Importava, por conseguinte, saber onde é que Pinho Leal colhera essa informação. E é isso o que nos explica o Prof. Caetano PINTO (1982: 46-47), transcrevendo o manuscrito inédito da autoria de Frei Teodoro de Melo, datado de 1733 (§ 30). Refere-se o frade, a «*uma estátua de Diana que no passado ano de 1732 se descobriu casualmente, cavando-se para outro intento no sítio do Medorno*»; anota que, «*por incúria dos rústicos que acharam e que, ao tirá-la debaixo da terra pelo meio a quebraram*».

Declara que «*são as palavras ibi fielmente trasladadas: DIANA SACOELA FLAVA – em uma das partes em que se dividiu; a na outra estas formais palavras: CARCAV. F. A. LXXV. E sendo ambas uma pedra de altura 5 palmos e 2 de largo*». Em seu entender, as primeiras palavras querem dizer que a figura de Diana «*estava no seu pequeno templo ou capela, sem tecto*»; e as segundas «*CARCAVELLUS A FEZANO DE 75*», ou seja, esclarece, em 37 da era cristã. É, por conseguinte, em Frei Teodoro de Melo que Pinho LEAL (1878: 159) se baseia. Daí passa para a revista *Ephemeris Epigraphica* IX, 1913, n.º 36, que transcreve

¹ Entre outros, CARON (1994-1995), texto policopiado, que viria a ser refundido, melhorado e publicado na revista *Conimbriga* (CARON, 1996). Pela mesma altura, na Faculdade de Letras do Porto, Maria de Lurdes Ferreira da Silva Reis, preparou a dissertação de mestrado em Arqueologia, sob o título *Cárquere: Epigrafia Latina* (REIS, 1997).

² Agradeço à Dr.ª Clara Ferreira, da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o favor de me haver digitalizado esse artigo.

o que Pinho Leal escrevera ³: «Também em 1732, em uma escavação junto ao mosteiro de Cárquere, apareceu uma lápide com a figura de Diana, em baixo-relevo. De um metro de altura e 0,60 m de largura com a inscrição. – Esta lápide foi mandada colocar, pelo doutor Alexandre Pinto, no meio da parede da casa de Beba: DIANA SACELLO FLAVA / CARCAVELLVS · F · A · B · XXV»

Comenta Hübner, o epigrafista alemão a quem se devem os aditamentos publicados nesse n.º IX da *Ephemeris Epigraphica*: «*Corruptam aut falsam esse apparet*» – “parece corrupta ou falsa”.

Não passou despercebida aos historiadores esta preciosa informação acerca do achamento de uma estátua da deusa Diana e da inscrição que a acompanhava. Assim, o citado Caetano PINTO (1982), após ter transcrito o relato do frade, não hesita em comentar «a que falsas conclusões pode chegar uma interpretação errada» (p. 47), porque, onde se leu DIANA deve ler-se DI(IS) MA(NIBUS). Desconhecendo o que Leite de Vasconcelos escrevera acerca da ida da lápide para o Museu Etnológico, ainda foi a Beba, para verificar «se o nome truncado CARCAV se identifica com a vizinha povoação de Carcavelos», o que a tornaria «digna de apreço» (p. 48).

Por seu turno, Joaquim C. DUARTE, no 1.º volume da monografia publicada pelo município em 1994 (pp. 290-292), volta a apoiar a versão de Teodoro de Melo, porque – observa – ele «viu a pedra e leu a inscrição» e a favor dela advoga o testemunho do «Prof. Dr. Albino de Almeida Matos, Catedrático da Universidade de Aveiro», que traduz assim o letreiro: «*Templete à loura Diana. Fê-lo Cárcavo aos 75 anos*». Conclui Joaquim C. Duarte que estamos, conseqüentemente, perante um monumento importante, «por nos dar a conhecer o fundador de Cárquere e a provável chegada dos romanos aqui (no século II antes de Cristo)» (p. 292).

Pode causar admiração porque é que nunca mais se falou nesta epígrafe, nem a propósito de Diana nem numa eventual relação com o topónimo Carcavelos. É porque, na verdade, a interpretação dada foi totalmente fantasiosa e – querendo ou não – justificava a antiguidade da localidade Carcavelos, vizinha de Cárquere, e da própria Cárquere. Está, na verdade, o monumento no Museu Nacional de Arqueologia. Teve o n.º de inventário E-6208, a que corresponde o actual 994.19.5, no portal MATRIZNET ⁴. O que veio, porém, foi apenas a metade superior, a única que detinha interesse maior devido ao baixo-relevo, ainda que sumido, existente no nicho. Portanto, embora – como adiante se dirá – haja, no Museu de Guimarães, uma epígrafe de Cárquere que termina com o numeral LXXV, o tal que verosimilmente constava no final do letreiro lido pelo frade, não é de todo viável ligar-se uma à outra, inclusive atendendo à sua morfologia.

³ Agradeço ao Dr. José Cardim Ribeiro ter-me chamado a atenção para esta referência.

⁴ Agradeço ao Dr. António Carvalho e à Dr.ª Luísa Guerreiro as informações sobre as referências no MATRIZNET.

No Museu Nacional de Arqueologia a estudou, pois, Laurent Caron em 1994-1995, sob o n.º 52 (p. 61): estela com frontão, de granito, cuja metade inferior desapareceu. «Um nicho em arco de círculo foi esculpido no tímpano, onde estaria uma figura já completamente gasta» (Fig. 1). Dimensões: 45,5 x 35 x 15 ⁵. Altura das letras: l. 1: 5,5/6; l. 2: 6/7. Subsiste, diz, na base o começo duma 3.ª cartela e a parte superior de letras. Considera-a inédita e propõe a seguinte leitura e interpretação: DI(is) MA(nibus) / SAC(rum) · F (?) AJ[moenae] vel F(ilio) A(nnorum) / [- - -]

Consacré aux dieux Manes de F(...) Amoena?

Ou

Consacré aux dieux Manes et à (mon) fls, âgé de... ans?

Essa, a interpretação que repetirá no artigo de 1996 (n.º 58, p. 103).

Lurdes Silva Reis, por seu turno, desconhece o paradeiro do monumento e vai basear-se na literatura local ⁶, que tem, como vimos, Frei Teodoro e Pinho Leal como fontes exclusivas de informação. Lê: DIMA SAC CEL(O?) FLAVA / CARCAV · F · A · LXXV – que interpreta desta forma: D(is) Ma(nibus) sac(rum) Cel(ea) ? Flav(i)a ? / Carcav(i) ?. f(ilia). a(nnorum). LXXV. Nas «observações», considera que a leitura de Frei Teodoro de Melo, «o único a ter observado a referida epígrafe», é «supostamente

⁵ Diferem ligeiramente as dimensões indicadas no MATRIZNET: altura: 52,5; largura: 39,4; espessura: 27,1. Assim como, obviamente, das mencionadas por Pinho Leal – «um metro de altura e 0,60 m de largura» – que se referiam ao monumento completo.

⁶ Cita, por exemplo: PINTO, 1982: 47-48; MATOS, 1992; e DUARTE, 1994: 290-292.



FIG. 1

mais credível», e opta por «ser possível tratar-se de uma epígrafe funerária decorada com um nicho e no seu interior uma figura humana, sugerindo-se a leitura acima transcrita» (REIS, 1997: 32, n.º 14).

No MATRIZNET, lê-se o seguinte: «Estela epigrafada, de granito, de forma paralelepípedica, rematada por frontão triangular. No frontão apresenta decoração em relevo de figuras humanas. As linhas da inscrição apresentam-se inscritas em três cartelas, sendo que na terceira não é possível efectuar a leitura. Palmetas rematadas por tridentes foram esculpidas nas fases laterais da estela. Inscrição: DIMA [...] / SAC.FA Di(s) Ma(nibus) / Sac(rum). Fa(bius ?)».

Há, pois, uma certeza: a epígrafe estudada por Laurent Caron é a mesma de que fala Leite de Vasconcelos e corresponde, no que respeita à proveniência, ao que Lurdes Silva Reis escreveu. Ou seja, leram-se as linhas legíveis e... inventou-se o que estaria a seguir! Inventou-se ou baralharam-se os apontamentos e juntaram-se numa os dados de duas epígrafes, se considerarmos que se conhece, de facto, em Cárquere, como se assinalou, a epígrafe que Laurent Caron inclui com o n.º 2 (p. 96): D(iis) M(anibus) / S(acrum) AFA (?) A-M(oenae?) · A(nmorum) / LXXV ⁷, que está no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães. A igual menção da idade pode ser, de facto, significativa de ter havido confusão. Algo, porém, resulta insofismável: eventual antropónimo *Carcavellus* não está documentado – nem nessa epígrafe nem no conjunto das epígrafes até agora conhecidas no mundo romano.

⁷ CIL II 5575, VASCONCELOS, 1888: 114 e 1899-1900: 207.

AS REFLEXÕES SUGERIDAS

Frise-se, em primeiro lugar, que a documentação antiga a que foi possível aceder sempre refere ‘Carcavellos’ e não parece ter havido preocupação em tentar discernir o significado do topónimo. Não deixa de ser estranha essa omissão, que poderá radicar no facto de nunca o nome haver suscitado dúvidas quanto ao que queria dizer, na medida em que o mais normal é um topónimo ter subjacente um aspecto concreto da sua morfologia ou da sua história. O prior António Coelho de Avelar, no seu relatório para o Marquês de Pombal, nem sequer aborda o assunto. José Mário Costa, responsável editorial do *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, faz o seguinte ponto da situação [consultado em 2024-05-06]: «Segundo José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, *Livros Horizonte, Lisboa*), o topónimo **Carcavellos** é de origem obscura, provavelmente céltica ou mesmo pré-céltica, do radical *kar*, “pedra”, ligado a outros topónimos. O nome é frequente também em Espanha (“Cacabelos” em castelhano) e a forma antiga em português (usado ainda hoje na linguagem popular). J. P. M. contesta assim a hipótese, defendida por outros autores, da proveniência da palavra **cárcava**, “fosso”. “Para aceitarmos a hipótese de que se trata de um diminutivo de

cárcava [...], teríamos de provar não só a existência de fossos em todas as regiões onde se atesta este topónimo, mas também que esse nome comum é anterior ao topónimo”. Em Portugal, há, pelo menos, 26 lugares com o nome de **Carcavellos**, registados no Novo Dicionário Corográfico de Portugal, de A. C. Amaral Frazão (Editorial Domingos Barreira, Porto)».

Importará indagar se, em documentos antigos, mapas, por exemplo, se encontrarão outras formas de escrever o nome, passíveis de levar a uma forma próxima da que lhe esteve na origem. O que sempre aparece – até novos dados – é *Carcavellos*, com dois LL.

Apesar do que atrás se disse acerca da inexistência da palavra em latim, continua sedutora a possibilidade de o topónimo *Carcavellos* ter uma origem latina, inclusive devido à terminação *-os*, que poderá derivar da terminação do singular (note-se: **singular**) *-us*. Por outro lado, ainda no âmbito dos nomes latinos, a terminação *-ellus* aponta, como se tem dito, para um diminutivo.

Procuramos, por conseguinte, eventuais nomes passíveis de com *Carcavellus* terem alguma sintonia, digamos assim. Um antropónimo latino que, foneticamente, se poderia aduzir é *Cacabus*, formado a partir do substantivo comum, *caccabus* (leia-se ‘cácabos’), «caldeirão», que tem o diminutivo *caccabulum* (leia-se ‘cacábulum’), ‘çaçarola’. Com efeito, não deixa de ser curiosa a proximidade fonética de *caccabulum* com *Carcavellos* e, também, a consonância do sentido de depressão, concavidade. ¿Terá chamado particularmente a atenção dos antigos o facto de a povoação se situar numa baixa em relação às aldeias circunvizinhas? Recordando que S. Domingos de Rana está no alto e a sua igreja foi, desde sempre, uma das conhecenças da costa para os mareantes, poder-se-ia, na verdade, pensar que o contraste orográfico tenha pesado na identificação.

Retomando a pesquisa no âmbito da documentação epigráfica romana, dir-se-á que, pelos finais do século II, se regista em Corral de Calatrava, Espanha, a jovem *Carcalia*; e que um dos prémios dos vencedores romanos de corridas de cavalos constituía na subida ao que hoje se designaria de pódio e que, nos textos epigráficos, vem assinalado com a expressão *ad carcares ascendit*. Trata-se, contudo, de pistas estranhas. Afigura-se-me notória a antiguidade de uso do topónimo e, portanto, ainda que os vestígios da estada do povo romano nessa área do actual concelho de Cascais estejam por descortinar, é possível arriscar a não se descurarem outras duas pistas apontadas: uma, de José Pedro Machado, ao relacionar o topónimo com um radical céltico «kar»; outra, a da relação com o topónimo castelhano *Cacabelos*, localidade perto de León.

Esse radical existe, está bem documentado. O topónimo *Carcassona* pode ser um testemunho dessa derivação, assim como o próprio Cárquere, Carenque, Carnide e, até, Carne Assada (= **Carnissada*), como José Cardim Ribeiro teve ocasião de sugerir.

Quanto à origem do topónimo *Cacabelos*, afiguram-se-me consistentes as considerações patentes em <https://bit.ly/458A4s6>, blogue que

consultei a 6 de Maio de 2024, na medida em que se faz eco do que o Professor Arsenio López Faba escreveu no livro *Fuentes Antiguas sobre Cacabelos*, relacionando o topónimo com *cacabulus*, o que – sem eu o ter consultado antes – vem ao encontro do que atrás escrevi, ao pôr a hipótese de o nome dever reflectir a sua configuração orográfica: um vale, um sítio encaixado entre elevações.⁸ Referia eu que importava ver como é que o nome se escreveu noutros tempos; López Faba dá conta, nomeadamente, em relação a Cacabelos, que a forma mais corrente, já documentada em 1177, é *Cacauelos* e que, no *codex Callixtinus*, um manuscrito datável de meados do século XII, se regista *Carcavellus*, grafia perfeitamente ajustada, portanto, ao nosso Carcavelos. O *r* acrescentou-se, na linguagem oral, para abrandamento eufónico da áspera repetição *ca – ca*.

EM SUMA

Creio prestes a resolver-se a origem etimológica do topónimo Carcavelos, afastadas que estão as propostas de relação com *cárcova* e/ou com um desconhecido antropónimo latino *Carcavellus*. A possibilidade de estarmos perante um derivado da palavra latina *cacabulus* não é, pois, despendida, atendendo à orografia, que aponta para Carcavelos como terra situada numa zona baixa em relação às que lhe estão próximas. 🏰

⁸ Embora a configuração actual, devido à urbanização, não corresponda, naturalmente, ao que seria a orografia de outrora, a imagem que se apresenta (Fig. 2 – Maio de 2024), não deixa de mostrar esse declive desde a igreja de S. Domingos até ao mar, por onde corre a Ribeira da Rebelva.

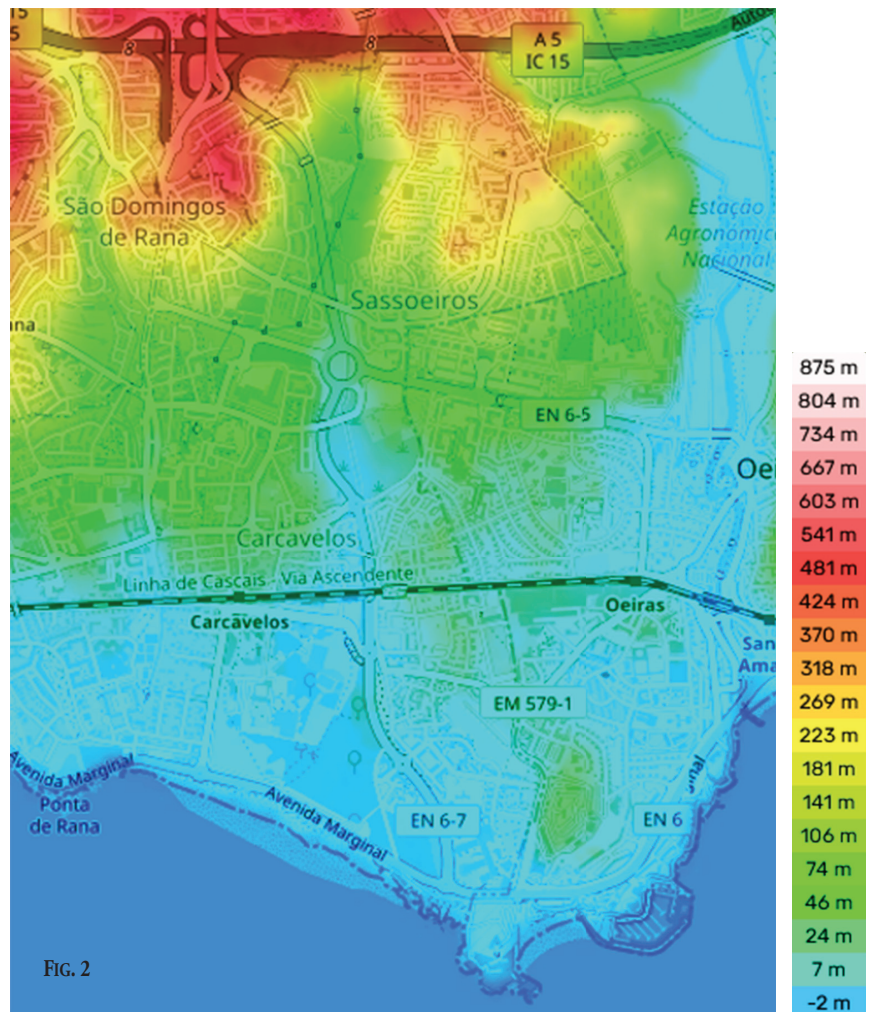


FIG. 2

BIBLIOGRAFIA

- CARON, Laurent (1994-1995) – *Art et Société d’après les Stèles Funéraires de Cárquere*. Bordeaux: Université Michel de Montaigne - Bordeaux III.
- CARON, Laurent (1996) – “Art et Société d’après les Stèles Funéraires de Cárquere”. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 35: 69-106.
- CORREIA, J. Diogo (1964) – *Toponímia do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- DUARTE, Joaquim C. (1994) – *Resende e a Sua História*. Resende: Câmara Municipal de Resende. Vol. 1.
- EE = *Ephemeris Epigraphica*. Berlim.
- LEAL, A. S. A. B. de Pinho (1874) – *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geographico, estatístico, chrographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*. Lisboa. Vol. 2. Disponível em <https://tinyurl.com/5xw9w49f>.
- LEAL, A. S. A. B. de Pinho (1878) – *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geographico, estatístico, chrographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*. Lisboa. Vol. 8, disponível em <https://tinyurl.com/359s52k8>.
- MATOS, Albino Almeida (1992) – “A Propósito do Nome ‘Cárquere’ III. Uma lápide desaparecida: conclusões a que nos leva a transcrição que dela nos ficou”. *Jornal de Resende*, 29-02-1992, p. 4.
- MELO, Frei Teodoro de (1733) – *Resende Ilustrado*. Tomar.
- PINTO, J. Caetano (1982) – *Resende. Monografia do Seu Concelho*. Braga: Barbosa & Xavier.
- REIS, Maria de Lurdes Ferreira da Silva (1997) – *Cárquere: Epigrafia Latina*. Dissertação de mestrado em Arqueologia, inédita, apresentada à Faculdade de Letras do Porto, defendida a 1998-01-12.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1888) – “Antiguidades de Cárquere”. *Revista Archeologica e Historica*. 2: 113-116.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1899-1900) – “Antiguidades de Cárquere”. *O Archeologo Português*. 1.ª série. 5: 206-212. Disponível em <https://tinyurl.com/3cvufy6k>.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 3.

[todas as ligações à Internet apresentadas estavam activas em 2024-07-18]